

As mutações lingüísticas

Rosa Assis

Doutora em Língua Portuguesa. Professora do Departamento de Língua e Literatura da UNAMA.



A língua falada varia de acordo com os indivíduos, as classes sociais; de um modo geral, há tantas línguas faladas quantos são os indivíduos que falam, conforme nos ensina Antônio Houaiss em **Sugestões para uma política da língua** (p. 83). Concordando com tal pensamento, diremos que a língua é plurivariada, diferenciando-se, segundo as diversas regiões geopolíticas, as classes sociais, os grupos diversos, as pessoas em geral, em suma, a língua é um *bloco lingüístico* se facetando independentemente da vontade do ser humano que a utiliza. O homem é, em grande medida, aquilo que ele consegue comunicar ao seu semelhante, na sociedade em que vive, na comunidade de que faz parte, refletindo, a sua própria cultura, através da língua. No momento em que as pessoas participam de uma interlocução, não fica difícil a qualquer ouvinte precisar que aqueles falantes não são natos de uma determinada região, embora isto não garanta afirmar a que região tais falantes pertencem. Pois torna-se até certo ponto difícil, a *ouvidos nus*, caracterizar a fala de cada região, de cada comunidade, de cada pessoa, uma vez que as mutações lingüísticas são uma constante na expressão verbal. Isto se dá, provavelmente, em decorrência, entre outros fatores, da penetração de novos meios de comunicação, da constante e crescente abertura de pequenas e grandes estradas de rodagem, como é o caso típico, em nossa região, da rodovia Transamazônica, que leva a um amplo movimento de pessoas, misturando interioranos de todos os estados, promovendo intercâmbios sociais, gerando com isso mudanças comportamentais no modo de ser do homem amazônico nativo, acostumado antes a um ritmo de vida pacato em sua comunidade. Citando Eugênio Coseriu, Celso Cunha é feliz ao lembrar este passo da obra **La geografia lingüística: A linguagem expressa o indivíduo por seu caráter de criação, mas expressa também o ambiente social e nacional, por seu caráter de repetição, de aceitação de uma norma, que é ao mesmo tempo histórica e sincrônica: existe o falar porque existem indivíduos que pensam e sentem, e existem 'línguas' como entidades históricas e como sistemas e normas ideais, porque a linguagem não é só expressão, finalidade em si mesma, senão também comunicação [...]** (In: Cunha, Celso, **Língua portuguesa e realidade brasileira**, p. 66-7).

Pelo exposto, observamos que todo esse processo (que envolve língua/linguagem/fala/comunidade) só pode gerar ou conduzir a novas mutações da linguagem, tornando, conseqüentemente, nossa língua

cada vez mais mesclada com os *tons* característicos das mais diversas regiões brasileiras, e, com isso, produzindo sensíveis diferenças nas manifestações lingüísticas, pois, como dissemos acima, há sempre vários fatores que promovem heterogeneidade lingüística em seus falares, como não poderia deixar de ser. Célia Brito enfatiza este ponto ao lembrar que *a realidade brasileira caracteriza-se por uma visível heterogeneidade dialetal, haja vista a gama de variações de ordem fonética, morfossintática e semântica apresentada na língua portuguesa por seus falantes* (Brito, Célia, **A heterogeneidade lingüística e o ensino da língua portuguesa**, jornal O Liberal, 1988). Daí a necessidade da elaboração de um Atlas Lingüístico da Amazônia, ou melhor, dos falares paraenses para melhor identificar e caracterizar os falares regionais, pois como diz Antônio Houaiss *O atlas lingüístico de uma comunidade lingüística é, por conseguinte, aquele registro mercê do qual todos os aspectos e particularidades dessa comunidade lingüística possam ser descritos, sistematizados, analisados.* (Op. cit. p. 62)

Para o Professor Celso Cunha, o atlas lingüístico é *fundamentalmente um documentário de materiais lingüísticos, um grande vocabulário dialectal que visa a apresentar, de maneira científica e viva, sobre cada mapa, as diferentes variantes de uma palavra ou de uma pequena frase em território mais ou menos vasto.* (Op. cit. p. 56). Sem sombra de dúvidas, a elaboração de um atlas lingüístico permite, além de registrar aspectos fonéticos, morfossintáticos da língua, fazer o levantamento de um amplo vocabulário para melhor se definir o falar de uma região, uma vez que muitas palavras têm mais de um significado, da mesma forma que outras tantas ainda não estão dicionarizadas, conforme entre nós já comprovou o trabalho pioneiro da professora Nazaré Vieira, **Aspectos do falar paraense; fonética, fonologia, semântica.** Belém, UFPA, 1983 (p. 144). Para exemplificar esta categoria de vocábulos, citamos apenas estes poucos exemplos: *barabá* (barbatana, barbilhões de determinados peixes), *bololão* (bolha grande que se forma na água, vestígio de cobra grande), *budraga* (peixe velho), *capitota* (adolescente), *centreiro* (nordestino que se interna no centro da mata para fazer plantação), *cutico e ticolico* (estes dois últimos tendo o mesmo significado: axilas). Segundo Carl Harrison, (pesquisador do Summer Institute of Linguistics), na apresentação que faz a este trabalho de Nazaré Vieira assim se pronuncia: *Apresento,*

então, esta obra sobre os falares paraenses, com a esperança não só de ver satisfeita a curiosidade científica, mas de ver despertado um interesse mais amplo no estudo da cultura autêntica paraense, tão rica e ao mesmo tempo ameaçada de extinção frente às culturas urbanas e nordestinas esmagadoras que vem tomando o seu lugar.

Na mesma linha de pesquisa de palavras não-dicionarizadas ou dicionarizadas com outras acepções incluo **A fala cabocla no interior paraense** (trabalho inédito, da autora deste artigo), no qual se arrolam palavras como: *arapu* (alguidar) *abatumado* (bastante cheio, amontoado de coisas) *ambé* (cesto de palha usado para carregar carga), *diridiri* (jacaré pequeno e grosso, cujo rabo tem duas pontas), *escadeiras* (quadris) *gito, gitinho, gitito* (pequeno), *magalote* (um tipo de embarcação) entre muitas outras. Digno de nota são os múltiplos significados do vocábulo *-zinho*, na fala plebéia, das mais diversas regiões brasileiras: na fala cabocla significa *pequeno, inferior, ou um qualquer*, (pejorativamente); no **Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba** (L. Clerot) aparece com acepção de *homem afeminado*; no **Linguajar Carioca** (Antenor Nascentes) toma o sentido de *mocinho, namorado* e na **Linguagem popular do Maranhão** (Vieira Filho) é simplesmente *indivíduo, pessoa*. Ora, as palavras ligam-se às coisas que designam, e o atlas vai ajudar a desvendar o mundo que está por trás de muitos vocábulos estranhos e misteriosos, como os citados acima, encontrados em grande número e riqueza na diversidade dos nossos falares caboclos.

Hoje não podemos pensar em elaborar um atlas lingüístico sem consultar, além de todos os já editados, o trabalho extraordinário da professora Sílvia Figueiredo Brandão, **A geografia lingüística no Brasil**, pela riqueza e ampla descrição que faz dos atlas lingüísticos já elaborados em todo o País. Além disso traça as linhas-mestras para a elaboração de um atlas, partindo do levantamento preliminar de dados até chegar aos dados complementares. Ainda destaque, no trabalho de Sílvia Brandão, a bibliografia apresentada e comentada, o que representa um subsídio valioso para se começarem a estabelecer os elementos básicos e os traços gerais de um atlas lingüístico regional do Estado do Pará, a que se pretende chegar.

O caráter heterogêneo nos modos de falar é a marca individual, se assim podemos dizer, de cada falante, ou grupo de falantes. Tomemos como referência o que se passa com o nosso homem interiorano, não-alfabetizado, ou melhor, com o nosso

caboclo paraense, também comumente chamado de *caboco* ou *matuto*. Peculiar em sua estrutura mediana, de cor acobreada, cabelos lisos e malar saliente, apresenta algo característico no seu falar. Quando ainda *puro*, não descaracterizado é acanhado e desconfiado e, ao aproximar-se de pessoas estranhas ao seu convívio, para manter um diálogo, percebendo ser objeto de atenção, o seu modo de falar é quase sempre monossilábico, reduzido muitas vezes a uma simples vocábulo exclamativo *hum! hum!* (pronunciado com *h* aspirado). Essa forma de expressão ou esse balbucio corresponde, no entanto, a um rico e variado significado: “*sim*”, “*não*”, “*é*”, “*é possível*”, “*talvez*”, “*possa ser*”, etc, variando de acordo com a pergunta que se lhe dirija. Entretanto, quando conseguimos quebrar essas barreiras, e penetramos no seu mundo, num convívio mais vasto portanto, torna-se imediatamente alegre, expansivo, comunicativo e cordial.

Aparentemente apático e ignorante, nosso caboclo é um profundo conhecedor do mundo em que vive, não apenas do espaço físico, mas de tudo aquilo que se relaciona à vida individual das pessoas: usos e costumes, crenças, sistema de vida... Dada a sua origem mais do que humilde, leva um padrão de vida absolutamente simples, mantendo-se da caça, da pesca e da agricultura de subsistência.

Todo esse modo de vida condiciona a sua linguagem e acaba lhe conferindo, dentro da região amazônica, uma certa singularidade, motivando o interesse por um maior conhecimento seu, de sua fala e do mundo que o rodeia.

Apenas a título de ilustração menciono estes casos isolados no falar paraense interiorano ou suburbano, em especial do homem não escolarizado, ou quase isso, que bem podem caracterizar a região norte, ou melhor, a nossa fala, segundo o estrato social de nosso informante, ou se preferirmos, o socioleto do falante à luz das linhas isoléxicas, isomórficas e isófonas:

a) Uso da forma diminutiva *gito*, *gitinho*, *gitito*, *gititinho* (também nas formas femininas, significando todas elas, *pequeno*, *pequenino*: *era gitito e já sabia das coisa*;

b) Uso de *-zinho*, *-zinha* como formas livres, empregadas em sentido, ora afetivo, significando *pequeno*, *pequena*, ora em sentido pejorativo, denotando *um* ou *uma qualquer*: *vem cá meu zinho; é um zinho na vida*.

c) O uso associado do pronome demonstrativo com o artigo indefinido masculino ou feminino – *este-um*, *aquela-uma* – é, na linguagem do caboclo paraense, um modo muito particular de designar a pessoa, objeto ou coisa descrita, próximos ou distante do falante em relação ao ouvinte. Nesta forma conjunta, constitui uma verdadeira locução pronominal: *este-um não alevanta a cabeça*.

Às vezes, segue-se a essa palavra ou expressão o termo *aí*, dito e gesticulado com os lábios, para reforçar ainda mais a presença da coisa ou da pessoa a que se referem os nossos caboclos: *essa uma aí é filha daquela-uma que se foi*.

d) O demonstrativo *aquela*, isolado, na fala popular, aparece com um campo de significação amplo e plurivalente, em virtude de representar uma infinidade de nomes, num processo de pura substituição destes e num determinado contexto físico-lingüístico. Assim, temos: *me dá aquele dali, estou fazendo aquele*, etc.

e) A farta exploração da “língua do ão”. Há uma tendência muito acentuada na fala do vulgo, em utilizar a terminação *ão*, ora criando vocábulos, ora derivando, o que já levou Mário de Andrade, no seu “Prefácio Interessantíssimo, em 1922, dizer que a *língua brasileira é das mais ricas e sonoras. E possui o admirabilíssimo ão*: Assim encontramos, com certa freqüência as palavras *parição*, *batição*, *rezação*, *benzição*, e tantas outras que aparecem bastando para isso que surja a necessidade de empregar uma palavra para indicar agrupamento, quantidade, repetição, ou numerosidade de qualquer coisa.

f) Chamamos atenção para a pronúncia típica e peculiar, acompanhada de projeção dos lábios formando um *bico* propositadamente *demonstrativo* – / *issium* / e sobretudo / *istium* /, com redução do timbre / *e* / inicial, tornado / *i* / semivogal, com o / *u* /, tornado tônico, do artigo indefinido, formando assim uma só palavra oxítone, e com sua tonicidade acentuada na emissão e no gesto bilabial que a acompanha – pronúncia, por assim dizer, gesticular e indicadora, ligando gesto e palavra, numa verdadeira *pronação* vocal, muito característica da maneira cabocla do falar mostrando a coisa, pessoa ou objeto referidos: *Istium é melhor*.

Registre-se, ainda, a ocorrência não menos

peculiar, embora um tanto rara, ou muito menos freqüente, da forma *ostr'um*, advinda de *outro + um*.

Isoladamente o pronome demonstrativo *isto*, em nossa linguagem verbal interiorana, assume as seguintes conotações: *nada, esta coisa, qualquer coisa*. É na verdade, mais um elemento extralingüístico, pois o gesto que o acompanha traduz perfeitamente o que ou o quanto vale *isto*: *nunca fez um isto pelo menino; ninguém tirou dela um isto*.

Como se pode constatar, mesmo em linhas gerais, o fato é que as pesquisas de campo sobre a língua e suas diferenciações sempre oferecem um rico e variado material lingüístico a ser explorado, principalmente em virtude da dinâmica de transformação que essa linguagem sofre com o passar do tempo, uma vez que as novas influências sociais contribuem para que a língua constantemente se enriqueça de novos matizes fonéticos, morfossintáticos e lexicais, embora não raro isso venha a alterar a feição da própria língua, pois, como ensina Sílvia Brandão *cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara*. (Op. cit. p. 5)

Vale a pena, lembrar que nesse emaranhado de linhas e traçados, no que se refere às mudanças lexicais, os vocábulos que ainda não estão registrados nos mais variados léxicos regionais, nem fazem parte dos verbetes dos léxicos gerais de nossa língua, nos perguntamos: de onde surgiram tais vocábulos? Como foram criados? Em que situação surgiram? Seria uma forma já existente, porém adulterada? Trata-se de uma corruptela? É possível que tais interrogações só nos possam ser respondidas por meio de uma pesquisa local/regional e interregional.

Dessa forma não podemos esquecer que o processo de modernização, na medida em que aproxima as regiões (aproximação sócio-cultural), tende a unificar a linguagem popular em todo o espaço cultural.

Concluimos este texto retalhado e informativo, com as palavras de Gladstone Chaves de Melo: [...] *aqui no Brasil sucede um fato curioso e extremamente interessante para o lingüista: é que, apesar da imensidade do território e das dificuldades de comunicação, a nossa fala plebéia apresenta notável unidade relativa, apreciável uniformidade*. (Melo, Gladstone Chaves de, *A língua do Brasil*, p. 90).